
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. Edição Especial N.22/2023 p.1-19

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Educação e Práticas Comunitárias

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

Community Practices at the School of Farmer Family of Pacuí/AP: socio-environmental sustainability as the axis of the pedagogy of alternation

Ângela do Céu Ubaiara Brito
Antônia Fládiana Nascimento dos Santos
Valéria Silva de Moraes Novais
Universidade do Estado do Amapá (UEAP)
Macapá/AP- Brasil

Resumo

O artigo visa apresentar parte dos resultados da pesquisa “Saberes tradicionais de agricultores familiares como subsídio para a sustentabilidade na Escola Família Agrícola do Pacuí”. O recorte proposto neste texto tem por objetivo discutir como a sustentabilidade socioambiental está articulada com a pedagogia da alternância e como vem se materializando nas práticas comunitárias dessa escola. Para tanto, foi desenvolvida pesquisa de cunho qualitativo, por meio de aplicação de questionários, grupos focais com as famílias. Os resultados mostram que há sim um esforço, no interior da EFAP, de se desenvolver práticas de sustentabilidade socioambiental integradas com a pedagogia da alternância e que estas vêm se materializando nas práticas comunitárias dos povos amazônidas atendidos pela escola, as quais são reconhecidas pelas famílias locais.

Palavras-chave: Pedagogia da alternância; Sustentabilidade; Práticas comunitárias.

Abstract:

This paper aims to present part of the results for the research “Traditional knowledges of family farmers as subsidy for sustainability at the School of Farmer Family of Pacuí” (EFAP, in Portuguese). The proposal of this text is to discuss how the socio-environmental sustainability is articulated with the Pedagogy of Alternation and how it’s been materialized on community practices of this school. This, a qualitative research was developed by the application of questionnaires, focal groups with the families. The results showed that, inside EFAP, there is an effort to develop practices of socio-environmental sustainability integrated with the pedagogy of alternation and these have been materialized into community practices of the people which lives in the state of Amazonas and were attended by the school, practices acknowledged by the local families.

Keywords: Pedagogy of alternation; sustainability; Community practices.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns elementos para reflexão e análise acerca das práticas comunitárias desenvolvidas pela Escola Família Agrícola de São Joaquim do Pacuí – Macapá/AP e como estão relacionadas com a proposta educativa em alternância dessa escola. As discussões empreendidas constituiu-se de parte de uma pesquisa mais ampla, a qual também investigou como os saberes dos agricultores familiares estão sendo trabalhados nessa proposta de educação que tem por base a sustentabilidade e o desenvolvimento local. A pesquisa contou com financiamento da Universidade do Estado do Amapá.

O debate acerca da sustentabilidade socioambiental tem ganhado cada vez mais relevância frente ao esgotamento dos recursos naturais e agravamento das crises ambientais provocadas pelo homem. Tal importância desse debate também precisa ser incorporada pelas escolas, especialmente aquelas que estão diretamente inseridas com o meio ambiente como é o caso das escolas do campo, aqui destacaremos as escolas-família, as quais assumem também um papel de resistência, tanto na reafirmação do direito à educação quanto na formação dos sujeitos que compõem os mais variados territórios. Sujeitos esses que segundo Caldart (2002, p. 29):

São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária, sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo; [...] e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas, pedagógicas.

Diante disso, o processo educativo desses sujeitos precisa incorporar discussões de temáticas que atendam às especificidades e necessidades dos povos do campo, das águas e das florestas, e que esse processo se concretize em práticas sociais. Por essa razão, entendemos que as práticas comunitárias possibilitam um duplo movimento, onde, ao mesmo tempo em que derivam e se constituem, também geram/produzem experiências sociais, ambientais, culturais e educativas que os povos dos diferentes territórios constroem, e, nessa direção, “a escola e os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura e a formação que acontecem fora da escola” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004, p.78).

Nessa direção, buscou-se responder ao seguinte questionamento: como a EFA do Pacuí vem inserindo e desenvolvendo práticas de sustentabilidade socioambiental a partir da sua proposta de Alternância? Para tanto, foi realizada pesquisa do tipo estudo de caso, pautado na abordagem qualitativa, porque permite focalizar no modo de vida amazônico, além das particularidades de uma comunidade rural, representado pelas experiências e pelos conhecimentos sobre as formas de coexistência e de utilização dos recursos naturais e a função da escola, na busca de estabelecer uma relação entre o contexto agrícola da Amazônia amapaense com as vivências cotidianas da Escola Família Agrícola do Pacuí (EFAP), o que nos permitiu identificar características significativas da vida real, por ser uma investigação empírica, que procurou compreender os limites e o contexto dos fatos pesquisados (ALVES-MAZZOTTI, 2006; CHIZZOTTI, 2006).

As etapas da pesquisa se constituíram em levantamento bibliográfico; análise documental (a partir do Projeto Político Pedagógico e planos de professores), a aplicação de questionários socioambientais para 27 alunos do Ensino Médio, filhos de famílias agricultoras que são atendidas pela EFAP, bem como relatos de professores e rodas de conversa com dez famílias locais; sistematização e análise dos dados por meio da técnica da análise de conteúdo. A pesquisa desenvolvida foi submetida ao Comitê de Ética (Parecer nº 4.896.267), o que assegurou o respeito às normas éticas que uma pesquisa com seres humanos requer.

As discussões aqui empreendidas se estruturaram em três seções, sendo a primeira para abordar alguns elementos importantes para o debate acerca da relação entre a pedagogia da alternância e a sustentabilidade socioambiental. Na segunda seção, apresentamos o *locus* da investigação e, por fim, trazemos os resultados da pesquisa e discorremos sobre as práticas comunitárias desenvolvidas na EFAP.

Pedagogia da Alternância e sustentabilidade socioambiental: alguns apontamentos necessários

A discussão sobre as particularidades que uma educação dos e para os povos do campo, das águas e das florestas exige que discorra-se sobre duas temáticas que encontram-se arraigadas a ela: a Pedagogia da Alternância e a sustentabilidade socioambiental. Tais temáticas têm uma profícua discussão filosófica, teórica, conceitual e, especialmente, didático-metodológica que dialoga com os interesses das mais variadas composições de territórios.

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

Apesar do profícuo debate, que historicamente vem sendo construído, particularmente quanto à importância de uma práxis educativa que concentre adequadamente a complexa interrelação entre tempos de formação, espaços, saberes, conhecimentos científicos, identidades, culturas e territorialidades dos sujeitos, requer a concretização dessa em forma de conhecimentos práticos e amplamente difundidos por uma determinada comunidade local, ainda se constitui um desafio para a sua efetivação.

A perspectiva da Pedagogia da Alternância, por sua vez, possibilita um dinâmico movimento sociopolítico, sociocultural, educativo e pedagógico que se materializam na organização de um conjunto de atividades que se adequam aos ciclos produtivos e climáticos, ao mesmo tempo em que possibilita se pensar em processos educativos inovadores, flexíveis, haja vista que tal perspectiva permite incluir características particulares e específicas que um território, uma comunidade local necessita e almeja.

Logo, falar de pedagogia da alternância, exige que compreenda-se que se trata de um paradigma, uma matriz teórico-metodológica e educacional, que, mesmo tendo ganhado mais visibilidade no cenário brasileiro a partir da década de 1980, ainda está em construção, principalmente porque ela resultou e resulta de várias experiências desenvolvidas ao longo das últimas décadas. Ao mesmo tempo, ela ainda requer mais reconhecimento e regulamentação quanto às múltiplas possibilidades que ela assume e à função social de estar articulada com uma perspectiva de escola emancipadora que contribua para a formação integral dos sujeitos (pautada nos pilares indissociáveis do trabalho-educação-meio e ambiente/sustentabilidade-associativismo), uma função que integre os diferentes saberes e fazeres, aspectos construídos e defendidos de forma histórica e concomitantemente com o debate acerca de uma educação do e para o campo (BRANDÃO, 2017; SILVA, 2003; CALDART, 2002).

Ao considerar-se o meio ambiente como um dos pilares indissociáveis de um processo educativo em alternância (e, isocronicamente, de uma educação do e para o campo), o uso consciente dos recursos naturais, a relação entre as pessoas com a natureza, a necessidade de uma educação ambiental (entendida como uma práxis educativa e social) ganham força e urgência em aproximar o debate e a inclusão da sustentabilidade socioambiental nos processos formativos dos sujeitos e seus territórios.

Nessa direção, a sustentabilidade se relaciona com uma diversidade de possibilidades que podem ser inseridas nas práticas educativas da educação do e para o

campo, as águas e as florestas, pois a atuação das escolas do campo, especialmente aqui destaca-se as escolas-famílias, partem da relação com o desenvolvimento territorial, com o manejo sustentável dos recursos naturais, o fortalecimento das comunidades locais, como afirma Camacho (2016, p. 55), “a Educação do Campo é sustentável, [...] pois o modelo de produção baseado nas culturas alimentares básicas de maneira agroecológica, se mostra como uma alternativa ao modelo hegemônico vigente do agronegócio”.

As escolas-família estão imersas em territórios onde as populações locais desta sua região de atuação já vivenciam um modo de produção agroecológico, e que contribui para a sustentabilidade de suas práticas cotidianas referentes aos seus modos de vida, o que encontra profunda concordância com a pedagogia da alternância. Nessa perspectiva, cabe reforçar a importância que as práticas educativas contextualizadas e sustentáveis assumem ao mediar ações e reflexões, as quais se espraiarão e estimularão na comunidade a consciência das limitações do processo civilizatório moderno, o consciente uso dos recursos naturais e das relações humanas estabelecidas com a natureza, articulando o conhecimento e a transformação social e cidadã (LOUREIRO, 2006).

Práticas comunitárias contextualizadas, em nossa percepção, são produtos de uma práxis educativa, que, após estar internalizada por todos os sujeitos, provoca significativas mudanças, afinal, elas são a síntese da articulação dos diferentes saberes, olhares e lugares de fala, e precisa estar refletida e materializada em práticas desenvolvidas por uma comunidade local e, nesse sentido, a escola assume essa função integradora, pois, como destacou Arroyo (1999, p. 22): “A escola se vincula, sobretudo, às matrizes culturais do povo, da comunidade, às matrizes culturais do campo. Se vincula às mudanças culturais que o movimento social provoca”.

Complementarmente à função que a escola assume, a pedagogia da alternância, por meio de suas premissas filosóficas, também permite a integração de várias dimensões e aspectos que constituem uma complexa rede de relações (GIMONET, 2007), o que confere a ela a dimensão articuladora entre diferentes tempos (escola, comunidade, família), espaços (escola, núcleo familiar, comunidade/associação) e experiências formativas (formais, informais e não-formais, além da formação básica e técnica/profissional).

Por essa razão, as escolas-família assumem um importante papel de mediação e incentivo de práticas comunitárias e elo para o desenvolvimento e o compromisso com a

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

sustentabilidade ambiental e uma formação integral. Logo, o ensino oferecido nos tempos de formação (tempo-escola e tempo/família-comunidade) precisam refletir tais aspectos para que possam se materializar em práxis. Em acordo com Beltrame (2009), é preciso pensar uma oferta de ensino para mudanças, para a reelaboração de saberes e a construção de instrumentos necessários que garantam sua emancipação/empoderamento.

Nosso tempo imediato, portanto, exige pensar/repensar/ressignificar as relações humanas, sociais e ambientais, com vistas à construção de uma civilização sustentável, ou seja, a articulação com a perspectiva de uma ecopedagogia ou Pedagogia da Terra, que para Gadotti (2005, p.22):

(...) a ecopedagogia tornou-se um movimento e uma perspectiva da educação maior do que uma pedagogia do desenvolvimento sustentável. Ela está mais para educação sustentável, para uma ecoeducação, que é mais ampla do que a educação ambiental. A educação sustentável não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana.

A ecopedagogia, ou Pedagogia da Terra, está associada com a vida humana e caminha para a construção do mundo que almejamos. As intervenções, as mudanças e as transformações deverão ser provocadas por meio da educação, perpassando, conforme destacou Gadotti (2005), num movimento pedagógico como abordagem curricular e como movimento social e político, características que coadunam com a função de uma escola família e um projeto de educação contra hegemônico, os quais requerem uma prática comunitária para se concretizarem, evoluírem e ressignificarem-se, em um processo cíclico contínuo.

Frente a essas reflexões e os desafios necessários para uma educação sustentável, apresentamos a seguir, alguns aspectos contextualizantes acerca das particularidades da EFAP.

A Escola Família Agrícola do Pacuí (EFAP): breve contextualização

A Escola Família Agrícola do Pacuí (EFAP) nasce de um esforço conjunto que se iniciou em 1970, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Amapá (STR), por meio da organização de eventos e articulações com setores da Igreja Católica, entre outras instituições que acreditavam no modelo para a educação na Amazônia.

Assim, a EFAP teve suas atividades iniciadas em janeiro de 1989, sendo ela um esforço voluntário de padres italianos, que a princípio ofertavam o que a escola considerava com um “curso informal de 1º grau” e, paralelamente, desenvolviam atividades de agropecuária, passando, posteriormente, a oferecer o ensino fundamental, o ensino médio e a educação profissionalizante (EFAP, 2019), e, nesse momento, apresentava-se como uma experiência pedagógica com o curso profissionalizante que envolvia o setor primário da economia para adolescentes e jovens.

Os alunos eram filhos de pequenos produtores rurais que cultivam monocultura em suas roças, como, por exemplo, a da mandioca (EFAP, 2019). O curso tinha como objetivo proporcionar “as técnicas agrícolas adaptadas à região e às condições financeiras do pequeno produtor, como forma de criar uma nova cultura de produção local, que seja mais lucrativa e que respeite o meio ambiente” (EFAP, 2019, p. 11).

A Associação das Famílias da Escola Família Agrícola da Região do Pacuí (AFEFARP) é a mantenedora da EFAP. Tal Associação se constitui em entidade sem fins lucrativos, a qual se mantém com os recursos dos próprios associados para a manutenção e funcionamento da EFAP, além de recursos financeiros provenientes de convênios firmados, inicialmente com a Diocese de Macapá e Ong. Italiana Associação dos Amigos do Espírito Santo (AEES), entidades sociais federais, estaduais, municipais (EFAP, 2019).

A EFAP, como parte do sistema educacional do Amapá, passou por uma reformulação em 1991, na qual visou adequações com vistas ao reconhecimento do Sistema de ensino do Amapá, sendo autorizada a desenvolver suas atividades educacionais a partir de 1992, por meio da Portaria de Funcionamento nº.0312/92 – SEECE. O Ensino Médio foi autorizado a funcionar através do Parecer nº 10/97 (EFAP, 2019). O público-alvo da EFPA são alunos entre 16 a 50 anos de idade, os mesmos são oriundos de 14 municípios do Estado do Amapá (Amapá, Calçoene, Cutias do Araguari, Itaubal do Pírim, Laranjal do Jarí, Vitória do Jarí, Macapá, Tartarugalzinho, Pracuúba) e 3 municípios do Pará – Afuá, Almeirim e Monte Dourado.

A escola desenvolve suas atividades no Distrito de São Joaquim do Pacuí, localizado na região metropolitana do Município de Macapá (Ver figura 1). Essa região é composta por áreas de várzea e de terra firme. Os municípios próximos são: Cutias do Araguari e Itaubal do Pírim. Os rios que perpassam o Distrito de São Joaquim do Pacuí

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

são Pírim, Pacuí e Gurijuba, assim como vários furos e igarapés compõem esse território (UEAP, 2022).

Figura 1 - Escola Família Agrícola do Pacuí



Fonte: Relatório de pesquisa UEAP (2022).

O Distrito de São Joaquim do Pacuí é constituído de 25 comunidades e possui uma população de mais ou menos 6.000 habitantes, que desenvolvem como atividades econômicas principais a agricultura e a pecuária de subsistência e ainda possui um enorme potencial humano, social, econômico e turístico a ser explorado.

A função social e comunitária é um dos principais objetivos da EFAP, a qual desenvolve a educação básica em seu território para as melhorias da vida no campo. Para tanto, enfrenta inúmeros desafios para, cotidianamente, conseguirem se manter atuante e conta com parcerias dos diferentes níveis federativos: a nível federal, tem a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA; a nível estadual, tem o Governo do Estado do Amapá, por meio da Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED-AP), e a nível municipal, a Prefeitura de Macapá (EFAP, 2019).

A proposta educacional da EFAP tem a perspectiva de educação para a formação integral da pessoa humana, na qual Chaves e Foschiera (2014, p.82) advogam que “educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico”. Ademais, ressaltamos que a formação integral do indivíduo, deve valorizar o local e as vivências ali desenvolvidas, “...considerando seus saberes como

conhecimento adquirido historicamente” (CHAVES E FOSCHIERA, 2014 p.78). Nesse sentido, para a EFA do Pacuí a:

(...) educação é um ato político visando preparar os filhos do campo para a vida em comunidade, sociedade, de forma organizada e consciente dos direitos e deveres, visando formar jovens empreendedores, abrir perspectivas de futuro dentro do próprio meio de origem, ajudando no desenvolvimento em bases sustentáveis (EFAP, 2029 p.8).

A educação nesse processo é alimentada pelo cotidiano, mas com base em questões teóricas que dialogue com o território de atuação para o seu desenvolvimento. Assim, as contribuições dos jovens que estudam na EFAP mudam o contexto e possibilitam novas experiências dentro da escola, uma vez que, a EFAP tem, em seu desenvolvimento, uma educação para a construção de uma identidade no território que habita, no sentido de não reproduzir uma educação com bases na hegemonia, mas que considere o contexto social, cultural, ambiental e político na qual se propõem para as famílias de agricultores que atuam em seu território.

Nesse sentido, Caldart (2002) corrobora afirmando que:

uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem o direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. [...] não pode ser tratada como serviço, nem como política compensatória; muito menos como mercadoria (CALDART, 2002, p.26).

Essa inferência coloca a educação que se oferta no âmbito da EFAP como educação no e do campo, visto que tem seu público de aluno rurais e tem a participação dos mesmos filhos de agricultores que atuam em situações específicas. Assim, como discutido na primeira seção, se faz necessária uma pedagogia diferenciada, a da alternância, para que esse processo seja implementado com possibilidades para uma educação social e política, considerando o contexto rural, a cultura e a diversidade de experiências vivenciadas pelas famílias.

A alternância desenvolvida na EFAP é mediada por um conjunto de instrumentos, os quais são:

“Plano de Estudo; Ficha de Acompanhamento da Sessão Familiar; Colocação em Comum; Colaborações Externas; Caderno da Realidade; Serões de Estudo; Visitas às Famílias e Comunidade; Tutoria; Visitas e Viagens de Estudo; Estágio; Projeto Profissional; Avaliações” (EFAP, 2019).

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

De acordo com o Projeto Político Pedagógico dessa escola, a cada período é desenvolvido o Plano de Formação, que tem a função de sistematizar as duas direções centrais que fundamentam a sua prática pedagógica: a experiência de vida dos alunos e do saber popular camponês, e; a construção dos aspectos escolares formais.

O Plano de Formação, de acordo com a EFAP (2019), é construído com base em diagnóstico da realidade, para refletir sobre as necessidades das famílias e visa articular os temas de Planos de Estudo e demais instrumentos metodológicos com os conteúdos das áreas do conhecimento da Base Nacional Curricular Comum e parte Diversificada de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Os desdobramentos desse plano de formação, nas práticas desenvolvidas na EFAP, são apresentados na seção a seguir.

As práticas comunitárias de sustentabilidade socioambiental da EFA do Pacuí: o protagonismo na agricultura familiar sustentável

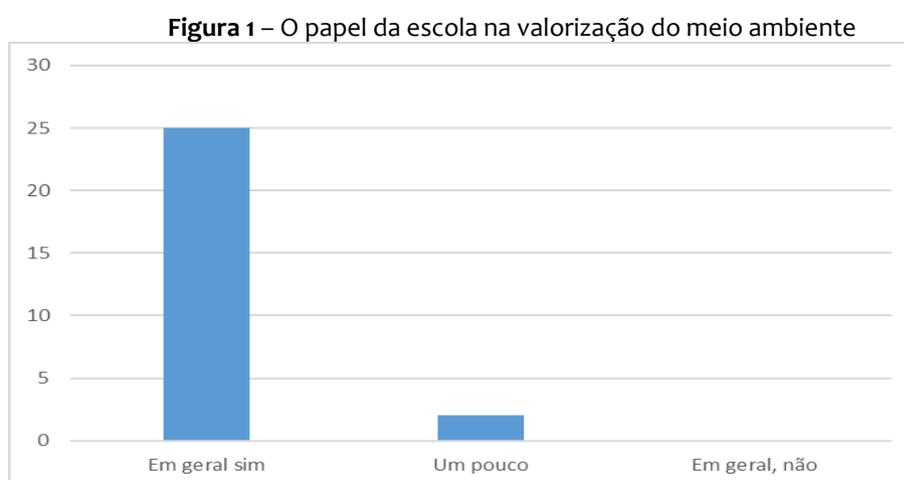
Para compreendermos sobre as práticas comunitárias, aplicamos questionários abertos aos alunos e analisamos os planos dos professores e o Projeto Político Pedagógico da EFAP (análise documental), bem como seus relatos durante as rodas de conversas e visita técnica dos laboratórios da EFAP. A amostragem dos participantes da pesquisa foram 27 alunos, sendo 50% do sexo masculino e 41% feminino. A idade dos participantes está entre 19 a 21 anos, considerados jovens pela classificação do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

No entanto, ressaltamos a deficiência de acesso à educação nas áreas rurais distantes, o que leva à entrada tardia na escola, principalmente, para o público da região Norte, no centro da Amazônia com todas as características específicas e peculiares que é a oferta educacional, para os filhos dos agricultores.

Nesse sentido, discutimos que não pode ser ofertada a mesma educação que é planejada na zona urbana. Diante dessa questão, Nascimento (2005, p.295) discute que o formato mais adequado para os filhos dos agricultores é o das escolas famílias que articulam “os saberes da vida do jovem rural com os saberes escolares do programa oficial”, bem como associa “os conteúdos profissionalizantes (técnicos) e os conteúdos gerais, humanísticos”, o que facilita “a aprendizagem dos alunos/as”, no sentido de “acompanhar de forma personalizada cada jovem tanto na EFA, quanto no meio na construção do ser, do saber, da convivência e da vocação profissional; ajudar na

construção do projeto de vida”. Essa forma de aprendizagem dialogada com os jovens é produtiva e acordada com as demandas do local e das comunidades.

Entendendo que as questões que envolvem a sustentabilidade perpassam a valorização do meio ambiente, de início, indagou-se sobre o papel da escola no processo de valorização do meio ambiente, uma vez que esta possui uma função fundamental na disseminação desse valor para seus alunos, e, por conseguinte, para suas comunidades de origem. Assim, tem-se a grande maioria, 25 participantes (92,6%), responderam que em geral sim há uma valorização do meio ambiente na escola e 2 (7,4%) participantes disseram que um pouco.



Fonte: Relatório de pesquisa UEAP (2022)

É deveras pertinente que a escola consiga exercer esse papel de multiplicadora do senso de cuidado com o meio ambiente, uma vez que no cerne de suas práticas está o desenvolvimento integral do aluno. Tal desenvolvimento requer a percepção que, tanto o próprio aluno quanto sua família, são pertencentes àquele ambiente e, por isso, necessitam tratá-lo de maneira sustentável. Segundo Freire (1997), a capacidade de ensinar e de aprender deve estar atrelada à capacidade de não somente nos adaptar à realidade, mas de transformá-la e intervir nela.

Em seguida, foi perguntado para os alunos se há uma valorização do uso consciente dos recursos naturais da floresta na escola. O resultado é bastante favorável (Figura 2), uma vez que 25 participantes (92,6%) responderam que em geral sim e apenas 2 (7,4%) disseram que um pouco, não catalogando nenhuma resposta negativa.

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

Na metodologia da alternância, os alunos são agentes da modificação de práticas comunitárias, quando retornam para suas residências e levam em sua bagagem um conhecimento a mais para praticar em suas realidades. Dessa forma, infere-se que tendo a grande maioria dos participantes, percebendo que há a valorização do meio ambiente e do uso consciente de recursos naturais advindos da floresta na EFAP, então ocorre significativa contribuição da escola nas práticas comunitárias sustentáveis e socioambientais.

Figura 2 – A valorização do uso consciente e a preservação dos recursos naturais da floresta, pela escola



Fonte: Relatório de pesquisa (UEAP), 2022.

Na análise dos planos dos professores e nos seus relatos, identificamos essa metodologia, na qual se aplica a pedagogia da alternância, segundo o professor, as aulas se baseiam no processo que entrelaça a prática, quando nos explica:

Aqui no plantio das bananeiras, os alunos aprendem no laboratório as práticas para os cultivos, os cuidados com os insetos e manejo e retirada da fruta. O pomar da banana ou laboratório do bananal é uma das áreas de estudo e produção de frutas existentes para a prática dos estudantes (Relato de um Professor).

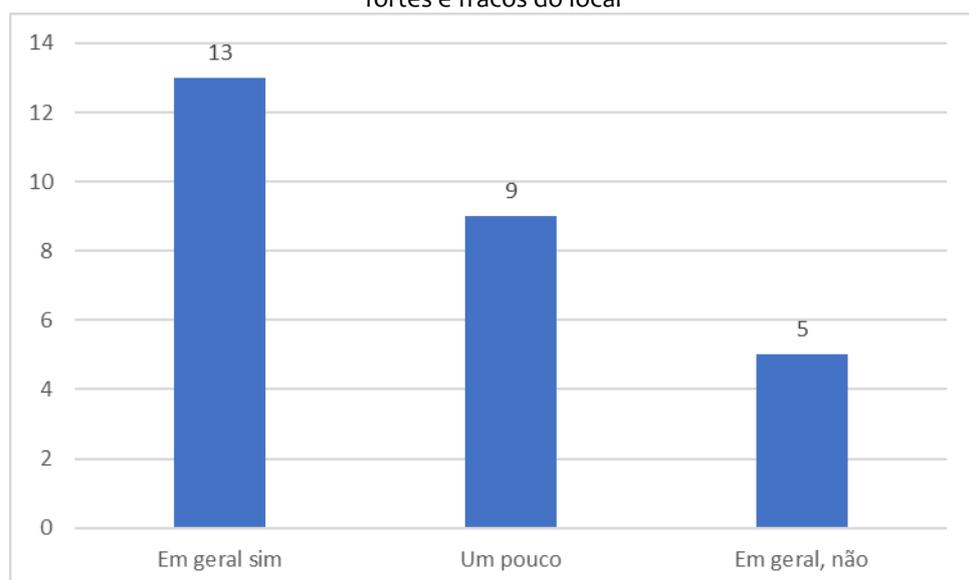
Dessa forma, a aprendizagem não se limita somente ao laboratório do bananal na EFAP, mas tem seu processo na transcendência da alternância, espalhando-se para os 15 dias de vivência na comunidade, pois, como filhos de agricultores, eles conseguem fazer essa observação e estudo no bananal cultivados por eles. A análise no bananal, realizada pelos alunos na comunidade e o estudo encontrado com o manejo, geram a

aprendizagem do saber que nasce da vivência dos agricultores e se entrelaça com a base epistemológica discutida na EFAP e prática no laboratório.

Assim, a educação nesse contexto “engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico” (CHAVES; FOSCHIERA, 2014 p.82) que somente pode ser possibilitada por meio da alternância e com o protagonismo dos agricultores, visto que, o aprendizado parte nos seios de suas experiências por meio de uma prática tradicional de plantio das bananeiras e na EFAP se discute como pode ser sustentável, na prática vivenciada no laboratório e dos saberes advindos da comunidade.

No questionário, indagamos aos alunos para entender como eles percebem as práticas de aproveitamento dos conhecimentos da comunidade, para identificar pontos fortes e fracos do local, no sentido de entender o protagonismo dos agricultores. A Figura 3 nos mostra que dos 27 participantes, apenas 5 (18,5 %) não conseguem perceber o protagonismo das práticas dos agricultores na escola, mas juntando as duas categorias (em geral sim e um pouco), 22 alunos percebem esse envolvimento com a prática, logo, 81,5% dos respondentes.

Figura 3 - A escola e o aproveitamento dos conhecimentos da comunidade para identificar pontos fortes e fracos do local



Fonte: Relatório de pesquisa UEAP (2022).

Pensar a proposta nessa perspectiva de estudo na EFAP, nos leva entender a prática educativa de melhor qualidade, no sentido que Loureiro (2006) afirma que sejam

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

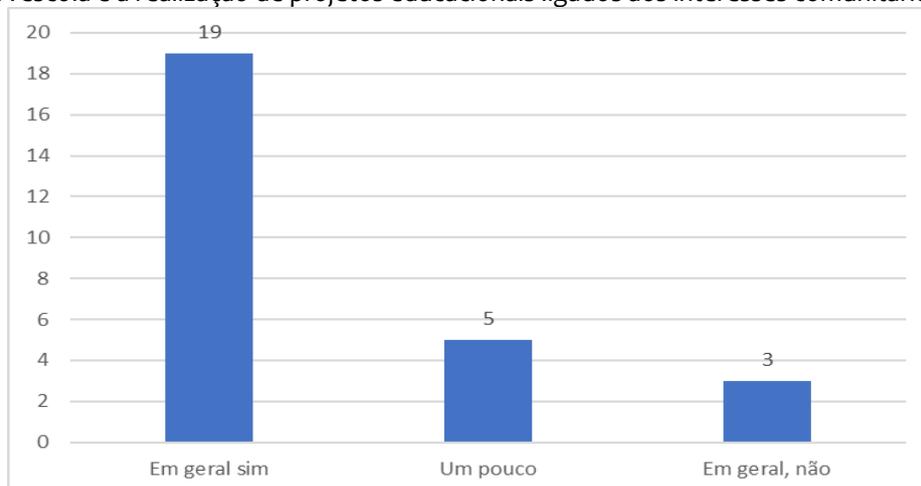
contextualizadas para que, nas discussões teóricas, entendam como podem ser sustentáveis, possibilitando que o professor possa mediar para que juntos haja intervenção na reflexão das ações, na qual se faça uso de um processo que tem como resultado a “interação social em um determinado espaço, com bases culturais ‘cultivadas’ no decorrer do tempo, com finalidades econômicas e obedecendo às instituições reconhecidas naquela sociedade e considerando a manutenção do estoque ambiental existente” (SILVA, 2012, p.17).

De modo análogo, o Projeto Político Pedagógico da EFAP discute como sendo o maior desafio em sua concepção pedagógica, pois consiste em

construir uma política educacional voltada para o campo, que exige um permanente exercício de inovação e criatividade, coragem e determinação política em fazê-lo, pois a busca de uma educação básica e profissional ligada às potencialidades sócio-econômicas-culturais da Região Amazônica, representa o rompimento com padrões educativos pouco ou nada adequados às necessidades do campo. Apresenta-nos elementos imperiosos sobre a necessidade de pautarmos ações socioeducativas identificadas com a perspectiva do desenvolvimento sustentável na Região e aponta-nos pistas para um novo patamar de discussões sobre educação do campo, com características regionais muito específicas (EFAP, 2019).

Esse processo de articular a educação é uma missão que se centra nos princípios da EFAP para que, de fato consiga articular com as práticas comunitárias. A EFAP tem implementado esforços para que isso aconteça, nesse sentido, questionou-se aos alunos se a mesma realiza projetos educacionais ligados aos interesses comunitários. A Figura 4 apresenta os resultados do item do questionário.

Figura 4 - A escola e a realização de projetos educacionais ligados aos interesses comunitários



Fonte: Relatório de pesquisa UEAP (2022).

As respostas mostram que 19 (70,4 %) e 5 alunos (18,5%) percebem e participam dos projetos que envolvem as práticas comunitárias com o protagonismo dos agricultores. Nessa perspectiva, é imprescindível que ocorra integração entre a escola e a comunidade que compõem a EFAP, pois, para que aconteça, Bezerra (et al, 2010, p. 4) orienta que deve existir “reconhecimento e valorização dos saberes extracurriculares e efetivação de parcerias no trabalho educativo, atingindo o maior contingente de pessoas em sua área de localização”. Contudo, deve-se considerar que “todos os participantes do processo educativo têm a capacidade de elaborar propostas para a melhoria da educação”.

Ademais, a proposta só de fato se efetiva com o envolvimento das práticas comunitárias que se entrelaçam na proposta de pedagogia da alternância. Em síntese, de algumas práticas comunitárias que envolvem a proposta da EFAP, na Tabela 1.

Tabela 1 - Práticas comunitárias que envolvem a proposta da EFAP

Práticas comunitárias	Laboratórios da EFAP	Discussão dos processos
Cultivo de frutas e preparo da terra para a agricultura	Pomar de acerola	estudo e produção
	Laboratório bananal	estudo e produção
	Minhocário	preparo de húmus matéria orgânica preparada para o processamento.

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

As práticas comunitárias de cultivo das frutas da região, como a banana e a acerola, estão sendo desenvolvidas dentro do laboratório da EFAP, que possibilita uma densa discussão de metodologia e epistemologia para que os alunos entendam como se processa tal cultivo. No sentido da pedagogia da alternância, no tempo-escola, os alunos utilizam o laboratório da EFAP e no tempo-comunidade eles atuam com as vivências reais de produção das famílias agricultoras.

Nessa esteira, as práticas comunitárias na EFAP são resultantes de uma integração de saberes formais e saberes tradicionais, onde os alunos assumem uma função protagonista de serem multiplicadores/mediadores dessa síntese de saberes junto às famílias, logo, não é apenas uma inclusão de “pensamento crítico nos currículos e nas disciplinas”, mas se trata de envolver e “reconhecer a presença e as indagações” que nascem nos seios das famílias dos agricultores como parte do processo educacional da EFAP (ARROYO, 2008, p.32.).

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

No momento das rodas de conversas com as famílias, os participantes reconheceram a importância da EFAP nas transformações ocorridas na agricultura, promovidas, especialmente, quanto às práticas sustentáveis que o cultivo requer e destacaram que os desafios a serem superados se referem à indefinição, ou no pouco compromisso da política pública para o setor agrícola amapaense, principalmente quanto ao fortalecimento da agricultura familiar.

Na percepção das famílias, atualmente, um grande problema para a agricultura familiar local é a questão da sucessão, ou seja, garantir a continuidade da produção na unidade familiar ao longo das gerações com a saída dos jovens de sua comunidade de origem e o envelhecimento da população local. Pelos relatos, foi possível perceber que a renda familiar passa a ser oriunda não apenas da produção, mas também, e, muitas vezes, de forma predominante, de previdência e outros benefícios sociais.

Assim, mesmo os jovens tendo uma formação na Escola Família, por falta de oportunidade que incentivem a fixação dessa juventude no campo, esses tendem a buscar oportunidade em outros setores e, na sede dos municípios e na capital, Macapá. Esse fato demonstra uma preocupação que precisa ser investigada, refletida e considerada, especialmente pelo poder público, uma vez que, pelos relatos das famílias, observou-se a dificuldade de garantir a continuidade da produção na unidade familiar ao longo das gerações.

Conclusão

Sustentabilidade socioambiental, são noções intrinsecamente associadas na Pedagogia da Alternância, metodologia utilizada pelas Escola Família Agrícola do Pacuí. Nela, a base para o trabalho pedagógico está na comunidade, que possui a prerrogativa de mantenedora, por meio da associação de moradores, e orientadoras das práticas escolares, uma vez que, na filosofia das EFA's, as demandas econômicas, sociais e coletivas das comunidades possuem prioridade.

Nesse sentido, a EFAP surge com uma proposta de trabalho nas e para as comunidades amazônicas envolvidas e interessadas em sua criação, sempre como um esforço de trabalho para a manutenção das vidas, dos rios e da floresta, ou seja, dos povos camponeses amazônidas, que têm na agricultura familiar seu principal meio de sustento e sobrevivência.

Não somente para a manutenção da vida, mas, principalmente, para que a mesma se desenvolva de forma sustentável, a EFAP vem demonstrando preocupação com as questões socioambientais no interior de suas práticas pedagógicas quando se preocupa na valorização do meio ambiente, bem como do uso consciente e na preservação dos recursos naturais da floresta. De igual modo, a escola tem aproveitado o conhecimento das comunidades atendidas e de suas territorialidades, demonstrando a materialidade dos princípios e o protagonismo dos agricultores sendo valorizado.

Essa materialidade dos princípios da sustentabilidade e socioambientais, agregados aos alicerces da pedagogia da alternância, também são demonstrados quando a escola desenvolve projetos ligados aos interesses comunitários e às práticas de agricultura familiar, tanto nos trabalhos teóricos quanto práticos, nos laboratórios do bananal, no minhocário e no pomar de acerola, ajudando no aperfeiçoamento das técnicas de preparo da terra para a agricultura.

Assim, tem-se como resultado desta investigação, a premissa de que há sim um esforço, no interior da EFAP, de se desenvolver práticas de sustentabilidade socioambiental com a pedagogia da alternância e que estas vêm se materializando nas práticas comunitárias dos povos amazônidas atendidos pela escola.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, p. 637-651, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/BdSdmX3TsKKF3Q3X8Xf3SZw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ARROYO, Miguel G. Experiências de Inovação Educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (org.) **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papyrus, 2008.

ARROYO, Miguel González. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. 2004

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes 2004.

BELTRAME, S. A. B. Cenários da escola do campo. In: FOERSTE, Erineu, MARGIT-SCHUTZ-

Práticas Comunitárias na Escola Família Agrícola do Pacuí/AP: sustentabilidade socioambiental como eixo da Pedagogia da Alternância

BEZERRA, Zedeki Fiel et al. **Comunidade e escola**: reflexões sobre uma integração necessária. Curitiba. Editora UFPR: 2010.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação?** Brasília: Editora Brasiliense. 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5598603/mod_resource/content/1/O%20Que%20e%20Educacao%20-%20Carlos%20Rodrigues%20Brandao.pdf>. Acesso em: 7 maio 2020.

CALDART, Roseli Salete (org). **Educação do campo**: identidades e políticas públicas. Por uma Educação do Campo. Brasília; São Paulo: ANCA, 2002.

CAMACHO, Rodrigo Simão. “Educação do campo e sustentabilidade: uma experiência do PRONERA”. **Revista Científica ANAP Brasil**, v. 9, n. 14, 2016. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/anap_brasil/article/view/1423. Acesso em: 14 jun. 2021.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

EFAP. **Escola Família Agrícola do Pacuí**. Projeto Político Pedagógico da EFAP. Amapá: A F E F A R P, 2019.

FOERSTE, Gerda, CALIARI, Rogério. (orgs). **Introdução à Educação do Campo: povos, territórios, movimentos sociais, saberes da terra e sustentabilidade**. Espírito Santo: UFES, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacyr. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, v. 6, n. 6, p. 15-29, 2005. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/842>. Acesso em: 21 jan. 2023.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR: Associação, 2007

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**: uma abordagem política. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SILVA, Christian Luiz da; CARON, Antoninho; JUREC, Paulo Sérgio Sant. **Políticas públicas e indicadores para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Saraiva, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Sobre as autoras

Ângela do Céu Ubaiara Brito

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amapá e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá. E-mail: angela.brito@ueap.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0918-7049>

Antonia Fladiana Nascimento dos Santos

Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática pela Rede de Amazônica de Educação em Ciências e Matemática/REAMEC/Pólo UFPA. Professora Assistente da Universidade do Estado do Amapá. E-mail: antonia.santos@ueap.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2186-7191>

Valéria Silva de Moraes Novais

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Pós-doutorado em Educação pela *Université de Genève* (UNIGE/Suíça). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amapá e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá. E-mail: valeria.novais@ueap.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3549-6213>.

Recebido em: 01/02/2023

Aceito para publicação em: 21/02/2023